

INTRODUÇÃO ÀS TÉCNICAS DO TRABALHO INTELECTUAL

INTRODUÇÃO

O trabalho intelectual, como todo trabalho, supõe o domínio de determinadas técnicas, que são correntes entre os que se dedicam a essa atividade. Elas devem ser usadas, tanto por aqueles que já alcançaram os mais altos graus da carreira científica, como pelos que se iniciam nos estudos universitários. Este folheto pretende ser uma introdução a tais técnicas e consta de recomendações a respeito da leitura de textos científicos, a respeito da melhor forma de se encaminhar uma redação e relaciona um certo número de convenções comumente usadas.

Cumpra lembrar que os instrumentos aqui resumidos não devem ser tomados como regras rígidas, a serem usadas mecanicamente. A familiarização progressiva com essas práticas acaba por propiciar a desenvoltura necessária ao seu uso equilibrado.

Mas é oportuno acrescentar que a honestidade, a humildade e a dedicação são também requisitos, agora de ordem moral, igualmente indispensáveis a todo trabalho dessa natureza.

PRIMEIRA PARTE

COMO LER

José Carlos Bruní

COMO LER

Sugestões para uma prática produtiva da leitura

Aprende-se a mecânica de ler aos sete anos de idade. No entanto, a leitura, concebida como instrumento de compreensão de uma idéia, é processo bem mais complexo. Seu aprendizado não pode ser fixado numa idade determinada e o aprimoramento da técnica de leitura é tarefa de toda uma vida.

Vamos tratar aqui de alguns aspectos mais importantes dessa técnica e de modo extremamente esquemático.

(O esquema aqui proposto aplica-se especialmente aos textos de Ciências Humanas).

A leitura é exercida sobre um texto, nome genérico para toda e qualquer porção de linguagem escrita. As dimensões do texto são variáveis. Textos podem ser: uma obra inteira, com vários volumes; um livro inteiro; uma parte de um livro, com vários capítulos; um capítulo de um livro; um item de um capítulo; às vezes, uma página apenas, mas de conteúdo bastante rico.

O texto científico, caracterizado por um certo rigor de pensamento e expressão, uma certa ordem na concatenação das idéias e pela demonstração das afirmações, comporta uma leitura interna e uma análise externa. A leitura interna atém-se ao que o texto diz explicitamente. A análise externa utiliza dados que não aparecem no texto, mas que o explicam.

1. LEITURA INTERNA

1.2. A idéia básica

Ler é, fundamentalmente, o ato de apropriação da **idéia central do texto**, isto é, da idéia principal, básica, que contém a essência do texto.

Este deve ser o princípio que deve nortear toda leitura. Todos os outros princípios estão subordinados a este e devem contribuir para a realização deste.

A idéia básica não está localizada em um ponto perfeitamente identificável do texto. Não se constitui em uma ou duas frases do texto. A idéia básica anima o texto inteiro, podendo transparecer mais claramente em certas frases do que em outras. Há certos trechos mais "quentes" em que certas frases são muito importantes. Mas a leitura desses trechos não é suficiente para produzir a idéia básica do texto.

Tendo em vista essas considerações, podemos tentar fixar a primeira regra da técnica de leitura:

LER INICIALMENTE O TEXTO INTEIRO, PARA OBTIVER UMA VISÃO DE CONJUNTO DO TODO.

Nesta leitura, deve-se procurar prestar atenção apenas para o importante, deixando-se de lado os pormenores, o que não é essencial, como exemplos, repetições, dados ilustrativos, etc.

Terminada esta primeira leitura, necessariamente a mais superficial, é interessante tentar fazer, mentalmente ou por escrito, um apanhado geral das idéias que se revelaram mais salientes, que mais chamaram a atenção, das idéias que formam um conjunto global, sem consultar o texto novamente. Essa idéia geral será o guia para os passos restantes do trabalho.

1.3. As idéias secundárias

Como vimos, a idéia básica percorre o texto inteiro, isto é, ela não se apresenta dechofre, mas é o desenrolar ordenado do discurso, são as partes sucessivas do discurso que formam a idéia básica. A idéia básica vai estruturar o texto, vai comandar a articulação das várias partes do texto.

Em geral, todo texto encontra-se dividido em várias partes cada uma contendo uma idéia, não a central, mas as idéias

secundárias, acessórias, que servem de apoio para a idéia central. As partes que se sucedem no texto estão relacionadas entre si de modo determinado e é este modo de relacionamento das diversas partes entre si que chamamos de estrutura de um texto.

Com isto podemos formular a segunda regra da leitura:

NA SEGUNDA LEITURA, PROCURAR IDENTIFICAR AS PARTES DO TEXTO QUE CONTÊM AS IDÉIAS SECUNDÁRIAS, BEM COMO O MODO COMO ESTÃO RELACIONADAS.

Esta leitura, já mais aprofundada do que a anterior, deve prestar mais atenção aos pormenores, aos elementos subordinados à idéia central, como os exemplos, os dados ilustrativos, etc. Deve-se verificar quais são os vários temas tratados, como de quem se passa ao outro.

1.4. Os conceitos

As partes de um texto, por sua vez, são compostas de vários elementos, que podemos chamar, de maneira geral, de conceitos, entendendo-se com isso as idéias mais elementares de um texto. São como que os tijolos de uma casa, assim como as partes corresponderiam aos vários cômodos dela. A análise do texto deve chegar aos conceitos que o constituem. Daí a terceira regra de leitura:

UMA TERCEIRA LEITURA DO TEXTO DEVE APREENDER OS VÁRIOS ELEMENTOS COMPONENTES DAS DIFERENTES PARTES, OS CONCEITOS.

Trata-se, evidentemente, da leitura mais cuidadosa, mais minuciosa. Não é imprescindível ter em mente - a cada momento - a idéia básica, mas sim deve-se tentar compreender as minúcias das idéias, ou antes, os elementos mínimos de que estão formadas. Procura-se, então, determinar o sentido de cada palavra servindo-se das indicações dadas no próprio texto.

1.5. Os níveis do texto

A leitura interna de um texto deve portanto captar sua idéia básica e seus conceitos. Trata-se de um movimento que parte do mais geral, do mais global, para terminar no mais particular, no mais elementar. Podemos chamar a idéia básica, a estrutura e os conceitos de níveis do texto. A leitura correta é aquela que consegue apreender os vários níveis do texto sem confundir um com o outro. Há outros níveis - menos importantes - mas que convém conhecer para não se imaginar que todo texto tenha apenas aqueles mencionados. Quando num texto predomina, a intenção polêmica, por exemplo, devemos tomar cuidado com os recursos de estilo, como a ironia, para não confundir o que o autor afirma com aquilo que ele próprio critica.

EM SUMA, DEVE-SE LER UM TEXTO CIENTÍFICO TRÊS VÊZES. A PRIMEIRA LEITURA DEVE APREENDER A IDÉIA BÁSICA, A SEGUNDA DEVE PROCURAR AS PARTES E SUA CONEXÃO, A TERCEIRA DEVE FIXAR OS CONCEITOS.

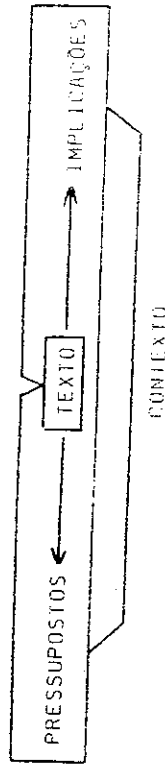
Observação: A prática constante da leitura de textos científicos vai aos poucos dispensando o leitor das leituras obrigatórias: com o treino e o tempo, já numa primeira leitura pode-se distinguir com bastante segurança os vários níveis do texto. Para o principiante, porém, estudar um texto significa lê-lo no mínimo três vezes.

2. ANÁLISE EXTERNA

Todo o texto está inserido num contexto. Ao contrário do texto, o contexto é invisível, isto é, não está diretamente presente ao leitor. O contexto deve ser procurado, pesquisado, reconstruído.

Contexto é o conjunto dos elementos que cercam, de algum modo, o texto. O contexto lógico é composto pelos elementos de ordem intelectual que envolvem o texto. Tudo aquilo que antecede logicamente o texto e de que o texto depende pode

ser chamado de os pressupostos do texto. Todas as consequências que o texto acarreta, tudo aquilo a que o texto leva pode ser chamado de as implicações do texto.



O contexto histórico indica o conjunto de acontecimentos - fatos de ordem política, econômica e social - que determinam o contexto do texto. Tudo o texto tem uma data - a data da sua produção - que o marca como produto de uma história e de uma época. O contexto histórico ilumina esta temporalidade do texto.

O trabalho do texto exaustivo ou total deve dar conta da estrutura interna do texto (a compreensão das idéias manifestas no texto), bem como da situação histórica (a compreensão dos fatores determinantes do texto, que se situam fora dele).

Só depois de compreendido, um texto pode ser discutido, criticado, aceito ou rejeitado.

SEGUNDA PARTE

COMO ESCRIVER

José Aluysio Reis de Andrade

SUGESTÕES PARA COMO ESCRIVER

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR

A redação de textos científicos apresenta um certo número de exigências que são anteriores a qualquer tipo de trabalho sério e que são aqui enumeradas apenas a título de lembrete.

Em primeiro lugar, supõe o pleno domínio da língua vernácula, isto é, exige conhecimentos gramaticais básicos, sobretudo, de concordância, de ortografia, de pontuação e ainda o uso adequado das orações, dos períodos e dos parágrafos. Em segundo lugar, requer um razoável domínio do vocabulário. Pelo menos, daquele usado pelos meios de comunicação, o que permite às pessoas se expressarem com alguma fluência.

Por fim requer o conhecimento do assunto sobre o qual se vai escrever.

A REDAÇÃO

Considere-se aqui redação todo texto de sentido completo, encarado quanto à sua produção, ou seja, como trabalho a ser executado. E toda redação compõe-se basicamente de três partes: de uma **introdução**, de um **desenvolvimento** e de **conclusão**.

1. A INTRODUÇÃO

A introdução tem as seguintes funções: a primeira é a de apresentar o TEMA sobre o qual se vai escrever. Uma vez escolhido ou proposto o tema ou o assunto, deve ser feito um cuidadoso exame de sua formulação e de seus termos, para se chegar à compreensão bem clara, através do levantamento de todas as idéias nele implicadas. Tal exame leva a um certo número de interrogações, que são os problemas que devem ser respondidos pela redação e que constituem a própria razão de ser da situação criada. A seguir e ainda antes de dar início à redação, deve-se procurar reunir todos os dados e informações de que se dispõe sobre o assunto, procurando-se mobilizá-los para as questões levantadas. Há casos em que essa operação é feita mentalmente (por exemplo, em uma prova sem consulta). Há outros, em que se tem que recorrer a anotações e à bibliografia (por exemplo, em uma prova com consulta ou em um trabalho a ser feito fora da escola). Essa primeira etapa é de muita importância, pois já se observou que a boa compreensão de um tema representa mais da metade de seu desenvolvimento. Só com auxílio dessa operação é que é possível enfrentar-se diretamente o tema, evitando-se exposições paralelas longas e, com ele, confusamente relacionadas, mesmo quando "se saiba" tudo sobre o assunto.

A segunda função da introdução é a de **indicar de forma sumária o método e o material que foi utilizado**. Essa indicação depende muito da disciplina ou (ciência) ou do tipo de trabalho. No nível em que se situam as presentes recomendações, é suficiente dizer-se, por exemplo, que foi

feita a análise interna do texto ou que o levantamento de dados foi realizado, através de questionários, de entrevistas ou, simplesmente, que foram utilizadas as aulas e determinado(s) livro(s) indicado(s) pelo professor. Em trabalhos originais, resultantes de uma pesquisa científica, as exigências são muito mais complexas. Por exemplo, a segunda e a terceira função estão intimamente relacionadas.

Enfim, a boa introdução questiona o tema, transforma-o numa interrogação e num desafio. O que vem depois é a resposta.

EM RESUMO: A "INTRODUÇÃO DEVE ENUNCIAR DE FORMA CLARA O TEMA QUE É PROPOSTO; DEVE INDICAR COMO VAI SER DESENVOLVIDO E DEVE MENCIONAR, DE FORMA SUCINTA, O MÉTODO E O MATERIAL UTILIZADO."

2. O DESENVOLVIMENTO

O DESENVOLVIMENTO é o corpo do trabalho, é a dissertação, propriamente dita. É onde se procura responder às questões levantadas na introdução, segundo o plano aí traçado, o que deve resultar em uma seqüência concatenada de idéias. O que está em causa é a melhor forma de se produzir um texto. Quem escreve se deve preocupar com o desenvolvimento de uma idéia entral, que vai estruturar e comandar a articulação das várias partes do texto. Essa idéia se vai apoiar em um conjunto de outras idéias, que podem ser indicadas como idéias secundárias, mas que são indispensáveis, como seu instrumento de apoio. Mas quem escreve, além de atender às exigências lógicas de estruturação do texto, tem a obrigação de supor que escreve para um leitor, isto é, que o texto deve ser entendido por outras pessoas. E em qualquer caso, deve ser esquecido que o tema foi proposto por um professor, por exemplo. Deve-se sempre pensar em uma forma de redação, que possa ser entendida por qualquer pessoa interessada. E para se fazer entender, é necessário que a escrita seja simples, clara e direta.

Outra exigência a ser atendida na redação é a relacionada à linguagem científica. Cada ciência tem o seu vocabulário próprio, que vai sendo assimilado aos poucos, até se atingir um certo ideal de precisão e de rigor. Mas essas exigências específicas, não devem ser confundidas com a obscuridade, nem com o pedantismo.

Do ponto de vista prático, recomenda-se fazer um rascunho da redação, seguindo o esquema traçado. Proceder-se a uma rigorosa revisão, para se verificar se o que se pretendeu e planejou foi efetivado. A seguir, proceder-se às correções que se fizerem necessárias e só então passar à forma definitiva.

EM RESUMO: O "DESENVOLVIMENTO" É O CORPO DA REDAÇÃO. PROCURA DESENVOLVER UMA IDÉIA, DE ACORDO COM UM PLANO PREVIAMENTE TRAÇADO, DE MANEIRA DIRETA, CLARA E COERENTE.

3. A CONCLUSÃO

A função da conclusão é a de relacionar, de forma resumida e precisa, o problema colocado na introdução, com que foi exposto no desenvolvimento. Deve-se procurar ligar os resultados a que se chegou, na exposição, com a questão proposta na introdução, de forma que o leitor fique com uma idéia global do que acabou de ler.

EM RESUMO: A "CONCLUSÃO DEVE PROCURAR ARTICULAR A "INTRODUÇÃO" E O "DESENVOLVIMENTO", PARA QUE O LEITOR GUARDE UM ESQUEMA MAIS OU MENOS NÍTIDO DO QUE ACABOU DE LER.

Depois de examinar as partes da redação e agora tomando-a em seu conjunto, pode-se dizer que: redigir, no sentido aqui usado, consiste em apresentar claramente uma idéia, transformá-la em problema, desenvolvê-la em seus vários aspectos, e concluir, apresentando soluções para as questões levantadas.

4. BIBLIOGRAFIA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:

A Bibliografia, de maneira geral, é o conjunto de obras a respeito de um autor ou a respeito de um assunto. Uma bibliografia compreende um certo número de obras fundamentais, como é o caso dos escritos originais de um autor a ser estudado, e um certo número de obras ou de artigos em revistas especializadas, que procuram esclarecer partes dessas obras ou que completam pontos específicos dos assuntos tratados. É impossível pretender-se um conhecimento científico, de um determinado assunto, sem um bom domínio da bibliografia básica e um razoável domínio da bibliografia complementar. Os chamados manuais são obras gerais, com fins didáticos. Podem ser muito úteis, para se ter uma visão introdutória e geral, do assunto em estudo. E uma de suas funções é a de relacionar uma boa bibliografia sobre o seu tema, mas em hipótese alguma, podem substituir as obras básicas. Esquemáticamente, a bibliografia pode ser separada em:

- **Bibliografia Básica**, que inclui textos originais ou obras fundamentais, para o estudo de um autor, de um tema ou de um determinado problema.
- **Bibliografia Complementar**, que compreende estudos especiais, que focalizam aspectos ou partes do assunto em estudo.
- **Bibliografia Auxiliar**, onde podem ser incluídos os manuais, as introduções ou obras equivalentes, de iniciação.
- **Bibliografia de Referência**, que compreende os vocabulários, os dicionários especializados e outras obras de apoio, em geral.

Os livros, por si só, não possuem a agilidade necessária ao acompanhamento da extensão, da rapidez e da complexidade da pesquisa, em nossos dias. Por outro lado, é impossível fazer-se ciência, em completo isolamento. Por isso, são

instrumentos, cada vez mais importantes, de comunicação científica os congressos (reuniões científicas em geral) e os artigos publicados em periódicos ou revistas especializadas. É muito comum uma nova idéia, ou descoberta, só aparecer em livro, depois de discutida em um congresso e depois de publicada em uma revista. Para terminar, devem ser lembradas as publicações especialmente orientadas para a atualização bibliográfica e também as instituições que se dedicam à pesquisa, que além de bibliotecas, mantêm centros de documentação e de informação científica, hoje com adiantada informatização.

EM RESUMO: "BIBLIOGRAFIA" É O CONJUNTO DE OBRAS A RESPEITO DE UM AUTOR OU DE UM ASSUNTO E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA SE FAZ POR MEIO DE CONGRESSOS, DE PUBLICAÇÕES TÉCNICAS E NAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.

5. SUGESTÕES PARA O USO DE APONTAMENTOS.

A técnica do apontamento, da anotação ou do fichamento, constitui um dos recursos auxiliares, indispensáveis ao trabalho científico. Trata-se aqui principalmente do apontamento de leituras e não de aulas, embora haja muito em comum entre ambos. Na verdade, ninguém pode confiar à memória, todos os elementos das leituras feitas e nem mesmo é conveniente que o faça. O esforço de memorização, nos moldes antigos (quando se recorria à arte mnemônica), não tem mais lugar na vida intelectual de nossos dias, não pode contar com instrumentos eletrônicos, de armazenamento de dados. O que realmente importa é se poder dispor, a qualquer momento, de resumos de leituras feitas, escritas e organizadas de tal forma, que não seja necessário refazê-las. O processo de anotação é basicamente uma técnica de reprodução, que economiza tempo e trabalho e que só tem sentido se realmente alcançar esse objetivo. O bom apontamento permite, por exemplo, que feita a leitura de determinada obra, no início do curso, não seja necessário repeti-la, por ocasião de uma prova a ser realizada no final do semestre. Mas o "econômico" não é o único aspecto

importante dos apontamentos ou fichamentos. Com efeito, devido ao seu alto custo, cada dia se vai tornando mais difícil a posse individual de livros técnicos ou de publicações especializadas, em geral. E, por sua vez, as bibliotecas, de livre acesso, pelo grande e crescente número de consulentes, permitem um uso muito limitado do seu acervo. Por isso, o uso de anotações continua sendo um recurso insubstituível, tanto para o estudante, quanto para o professor ou pesquisador. Isso não quer dizer que o fichamento possa substituir, em todos os casos, a leitura direta do texto. Conforme a natureza do assunto, há obras de conteúdo tão rico, que, a cada nova leitura, têm algo de novo a oferecer. Mas, a boa anotação, obviamente só é possível depois de uma boa leitura, isto é, depois de se ter conseguido uma compreensão global do texto. Uma prática muito comum, e completamente inoperante, consiste em se tentar resumir, cada parágrafo, logo na primeira leitura, sem antes se ter uma idéia do conjunto do texto. Aí não se consegue separar o importante, do secundário. É preciso que se lembre que o sistema de apontamentos acaba adquirindo, a partir de certos cuidados gerais, uma fisionomia pessoal. Com a prática continuada, cada um acaba descobrindo pequenos truques ou macetes, que se tornam de grande utilidade. Uma combinação interessante consiste no uso ilustrativo, de cópias reprográficas (xerox), de pequenos trechos da obra estudada, ao lado das anotações.

Por fim, vale dizer que os apontamentos não se podem constituir numa reprodução literal do texto original, numa simples cópia truncada, pois, sendo muito extensos, nada mais são que uma sobrecarga inútil. E por outro lado, sendo muito resumidos, não oferecem mais que uma pálida imagem do original. Anotar, pois, corresponde a um trabalho de reprodução, que é tanto mais eficaz, quando representa realmente um esforço pessoal de síntese.

EM RESUMO: OS APONTAMENTOS DEVEM REPRODUZIR DE FORMA CÔMODA, AS IDEIAS CENTRAIS DO TEXTO E DE MOLDE A DISPENSAR NOVAS E FREQUENTES CONSULTAS.

6. A TERMINOLOGIA CIENTÍFICA E O USO DOS DICIONÁRIOS

Vocabulário Científico é o conjunto de termos usados por uma ciência, para expor o seu sistema de conhecimentos ou para comunicar as suas novas descobertas. Os termos são palavras que, com determinado significado, tornaram-se de uso corrente, em determinada especialidade científica. Daí, a designação de Terminologia Científica. E toda ciência tem a sua. Os termos científicos podem ser recolhidos da linguagem comum, podem ser tomados de uma ciência afim ou podem ser criados. Neste último caso, trata-se de neologismos científicos, que são inventados, dentro de certos critérios, quando não há, na linguagem comum ou nas outras ciências, termo capaz de comunicar, de forma precisa, aquilo que se quer representar ou quanto o termo eventualmente utilizável se pode prestar a interpretação ambíguas. Sociedade é um exemplo de um termo da linguagem comum, usado pelos cientistas sociais. Já Ecologia é um termo criado, para especificar um novo campo de estudos, dos nossos dias. O que permite distinguir o tempo de uso que se está fazendo de determinado termo é o seu significado. Mas deve-se levar em conta que um mesmo termo pode comportar mais de um significado. É mais, dentro de uma mesma ciência, pode haver usos diferentes do mesmo termo, conforme a época ou conforme os autores. Daí ser indispensável, ao se iniciar no estudo de qualquer ciência, o uso frequente de Dicionários ou de Vocabulários Técnicos. São obras de consulta, que reúnem o repertório dos termos mais usados, por uma ciência, com os respectivos significados e suas variações. Não devem ser confundidos com os dicionários comuns. Estes podem dar uma noção geral do uso científico de um termo, mas para o interesse de leigos. Pode ocorrer até que o interessado não conheça nem mesmo o uso comum de um termo. Nesse caso, é aconselhável que consulte primeiro o Dicionário de Língua Portuguesa, para depois, passar à consulta do vocabulário especializado.

Como os demais, os dicionários especializados compõem-se de verbetes: a cada termo corresponde um verbete. Em geral, a ordem dos termos é, portanto, dos respectivos verbetes é alfabética. O verbete contém o significado ou, se for o

caso, os significados correspondentes àquele termo, que, neste caso, são dispostos na ordem de sua generalidade. Em primeiro lugar, o significado mais geral ou de uso mais comum, que aparece antecedido de um A. E., para efeito de citação, é o significado A. Depois, seguem os significados mais particulares ou de uso mais específico. B. C. D. etc.

EM RESUMO: PARA O ESTUDO DE QUALQUER CIÊNCIA É NECESSÁRIA A FAMILIARIZAÇÃO COM O SEU VOCABULÁRIO TÉCNICO. ALÉM DOS TEXTOS, O RECURSO AUXILIAR RECOMENDADO É O USO FREQUENTE DE DICIONÁRIOS OU VOCABULÁRIOS TÉCNICOS.

7. CONVENÇÕES MAIS COMUNS DOS TEXTOS CIENTÍFICOS

Relacionamos a seguir um certo número de práticas e de sinais convencionais, que são usados nos textos científicos, com o fim de facilitar os trabalhos de citação, de referência bibliográfica e de fontes.

Há citação quando se intercala, no texto que está sendo produzido, trechos de obras ou de escritos de outros autores. A primeira regra da citação é o uso de aspas (" "), no início e no fim da passagem citada. Em textos impressos, em vez de aspas, usam-se também tipos diferentes, para destacar a passagem enxertada. Outra regra da citação é a observância da seguinte ordem na enumeração dos dados: 1. indicação do nome do autor (no caso, do sobrenome), em maiúsculas, seguem-se as iniciais dos componentes do nome completo; 2. título da obra usada, edição (1a, 2a, etc), local de publicação; nome da editora; 4. ano de publicação; 5. indicação de página, ou das páginas, em que se localiza a passagem usada. Veja-se o exemplo abaixo.

O absolutismo europeu não se desenvolveu de maneira uniforme. Mesmo no Ocidente, notam-se significativas diferenças. A respeito esclarece Perry Anderson: "A França apresenta uma evolução muito diversa do padrão hispânico. Aí, o absolutismo não dispôs de vantagens iniciais

semelhantes às da Espanha, na forma de um lucrativo Império ultramarino. "Cf. ANDERSON, P., in Linhagens do Estado Absolutista, 1a. ed., S.P., Ed. Brasiliense, 1985, pág. 84. Quando o trabalho for curto, esses dados podem ser indicados mais longos e com numerosas citações, usam-se chamadas numeradas, para o pé da página, para o fim do capítulo ou para o fim da obra. A chamada consiste na colocação, ou parênteses, de um número ou, em alguns casos, de um artístico logo depois da passagem citada: (1), (2) ou (*) etc. Esse número é repetido no local escolhido pelo autor. Em seguida, vêm as referências necessárias. Muitas vezes se faz uso literal de um texto, em vez disso, procura-se reproduzir, com as próprias palavras, as idéias aí contidas. Nesse caso, não se trata mais de um citação, mas de uma paráfrase, que como tal, não exige aspas. Mas mesmo com o mesmo procedimento usado para a citação literal, tanto a citação, como a paráfrase, podem ser acompanhadas de abreviatura cf. (conferir, comparar), que é um convite ao leitor, para que consulte o texto em causa. Quando uma obra é citada mais de uma vez, usam-se as seguintes convenções: de novo o nome do autor, acompanhado de op. cit. (do latim, opus citatum), obra citada, e loc. cit. (do latim, locus citatus), mesmo autor, antes mencionado e da mesma forma. Seguem-se outras alternativas, em geral de palavras ou expressões latinas.

As mais comuns são as que se seguem:

ibid. (segundo) - usa-se para uma citação indireta.
ad. lit. (ad. litterman) - literalmente. Para o mesmo fim usam-se também:
verbatim e ip. lit. (ipsis litteris)
ed. - edição
ed. cit. - edição citada
et. alii - e outros autores
et pas. ou pas (et passim) - e em diversas passagens
et seqs ou e seqs. - e páginas seguintes
ibidem - na mesma obra

infra - referência a algo que vem abaixo no texto

in - em

in fine - no fim

ip. v. (ipsis verbis) - letra por letra, palavra por palavra
pág. ou p., plural, págs. e p. p. - página (s)

pref. - prefácio

ref. - referência

rev. - revista

sic. - assim mesmo, para lembrar que não houve engano, mesmo que provoque dúvida ou espanto.

sillicet - subentende-se

s. d. - sem data

s. ed. - sem editor

s. l. - sem indicação de lugar

sep. - separata

supra. - acima, no mesmo texto.

t. - tomo

trad. - tradução

v. - ver - (vide)

v. q. (verbi gratia) - por exemplo

videlicet - como se pode ver.

- datilografia, capa e composição -

- José Sebastião Soares -

- impresso na gráfica do campus -

Prof. Alexandre

UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

INTRODUÇÃO AS TÉCNICAS DO TRABALHO INTELECTUAL



osé carlos bruni
osé aluysio reis de andrade

FESPSP - BIBLIOTECAS



CAMPUS DE ARARAQUARA